

**GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA HOJE:
DESAFIOS POR TRAJETÓRIAS DO ITESP
GRADUATION IN THEOLOGY TODAY:
CHALLENGES BY ITESP'S TRAJECTORIES**

Pe. Márcio Fabri dos Anjos*

RECEBIDO: 26/05/2022

APROVADO: 19/06/2022

DOI: 10.56316/espacos.v30i1.854

Resumo: Este ensaio, na leitura de algumas trajetórias do ITESP (Instituto Teológico São Paulo), visa observar áreas de possíveis aprendizados na organização de graduação em Teologia. Em ritmo de memória prospectiva, sem a preocupação de indicações bibliográficas sobre questões tangenciadas, os conteúdos incluem narrativas não registradas em documentos, buscando sugerir que uma organização não é simplesmente técnica, mas essencialmente relacional. Embora o foco seja sobre ITESP, que celebra 50 anos de existência, esperamos que esta releitura de suas trajetórias provoque percepções sobre outros aspectos aqui não mencionados, e favoreça algumas indicações aproveitáveis para o presente e o futuro próximo de graduações em Teologia em nosso contexto.

Palavras-chave: ITESP; graduação; Teologia.

Abstract: This essay, in reading some trajectories of ITESP (São Paulo Theological Institute), observes areas of possible learning in the undergraduate organization in Theology in Brazil. In a prospective memory pace, without concern for bibliographic indications on tangent issues, contents include narratives not registered in documents, seeking to suggest that an organization is not simply technical but essentially relational. Although the focus will be on ITESP, which celebrates 50 years of existence, we hope that this rereading of its trajectories provides perceptions of other aspects not mentioned here, and favors some useful indications for the present and the near future of theology graduations in our context.

Keywords: ITESP, University graduate; Theology.

* Missionário Redentorista, Doutor em Teologia Moral e Professor do ITESP.
ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

Introdução

Um ensino acadêmico de qualidade em teologia supõe exigências persistentes, que algumas considerações teóricas iniciais ajudam a esclarecer. De fato, a Teologia é pensada e elaborada por pessoas a partir de seus contextos e situações concretas, submetidas a constantes variações e novas demandas. Essa dimensão móvel e oscilante provoca a necessidade de admitir que as pessoas interlocutoras do ensino sejam também, a seu modo, teólogas, por uma teologia implícita em aprendizados anteriores, mesmo que não se expressem em linguagem chamada acadêmica. Daí a importância em reconhecer que ensino teológico estará sempre interpelado e afetado pelas transformações, potencialidades de seus sujeitos, e pelas crises dos grandes ambientes em que se inserem. Vale então ter presente que os atuais cursos de graduação em Teologia são tributários das profundas mudanças socioculturais, que vêm se acentuando desde os primórdios da renascença no séc. XIV (HOTTOIS, 2008), cujo dinamismo transformador, em ritmo cada vez mais acelerado, avança em nossos tempos e envolve a fé cristã e suas Igrejas. Pode-se pensar que o fascinante desenvolvimento tecnológico esteja trazendo apenas questões éticas quanto ao uso dos novos recursos, mas é muito mais do que isso. Estudiosos sobre este processo há mais tempo vêm apontando a estreita e interferente interação entre sujeito e objeto. E como o *produzir* instrumentos e insumos de vida implica em novas formas de *relações* interpessoais e socioambientais, provoca novas *interpretações* e *sentidos* do viver (BATAILLE, 2015). Pois ao transformar as coisas nos transformamos com elas em um processo privilegiado de *autopoiese* humana.

Os fascinantes impactos tecnocientíficos desta grande transformação na atualidade vêm sendo profundamente contraditórios ao gerar o bem-

estar junto à destruição persistente da equidade social e do ambiente, através de recursos cada vez mais rápidos e eficientes. A América Latina é um dos espelhos nítidos destas contradições que se arrastam em sua história, e em vez de serem revertidas, tomam novas formatações globalizadas.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) deu um impulso decisivo à consciência sobre a gravidade de tais transformações e a urgente necessidade de diálogo, um termo leve para significar a corajosa tarefa de abertura a uma compreensão interativa com os processos socioculturais da modernidade, como base necessária para o cumprimento de sua missão evangelizadora. O Concílio foi fermentado várias décadas antes, por movimentos eclesiais em que pontes de interação entre fé e ciência, Igreja e Sociedade iam sendo desobstruídas e concebidas (ANJOS, 2015, pp. 940-947). A realização dos trabalhos conciliares representou um parto difícil, cercado de tensões, mas conseguiu gerar um legado promissor que despertou entusiasmo. Entretanto, persistiam as tensões para seu amadurecimento, que transpareceram em momentos fortes como a realização, em 1968, da Conferência da CELAM em Medellín (CAMPOS, 2018). Ali se mostravam prenúncios do que, uma década depois, J.B. Libanio chamou de “volta à grande disciplina” (1979). O pontificado do Papa Francisco (2013) retoma o espírito interativo e provocador sintetizado pelas primeiras palavras do Concílio na *Gaudium et Spes* (n.1): “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”. Entretanto, não é surpresa que persistam oposições ao

Pontificado de Francisco, pois no fundo elas representam uma persistente rejeição às propostas conciliares, uma tensão preexistente e que persistirá.

Com estes poucos retalhos se percebe que a boa qualidade no ensino teológico atual é cercada de exigências em meio a desafios. Ao rememorar o percurso de uma organização concreta como o Instituto Teológico São Paulo (ITESP), iniciado há 50 anos, estamos nos situando em tempos de alta ebulição social e eclesial em que sujeitos individuais e coletivos – professores, estudantes e as próprias congregações mantenedoras – com suas diferenças e proximidades, estão empenhados em uma organização conjunta de ensino teológico.

O interesse nesse rápido ensaio, menos que oferecer dados passados e referir bibliografias analíticas, é apontar algumas áreas cujas trajetórias contribuam a aprendizados relacionados com organizações de graduação em Teologia, visitando o dinamismo e peripécias do ITESP nesse empreendimento. Desta forma buscamos memórias de caráter prospectivo, em vários momentos recorrendo a narrativas não registradas em documentos, quando a preocupação em registrar decisões e iniciativas oficialmente tomadas, em geral ofusca o valor das circunstâncias e conjunturas dentro das quais são geradas e justificadas. Será às vezes inevitável narrar circunstâncias em primeira pessoa, mas estaremos com isto reconhecendo ser uma percepção pessoal, em favor de resgatar memórias quase perdidas através de quem manteve uma presença de 46 anos no ITESP. Embora o foco seja um instituto teológico em particular, espera-se que de suas trajetórias se obtenham alguns aprendizados para a importante tarefa de oferecer graduação em Teologia.

1. O ITESP antes do ITESP

O início do Instituto Teológico São Paulo em 1972 se compreende pelas conjunturas antecedentes que o provocam. O clima pós-conciliar no final dos anos 60 é de efervescência eclesial, que mistura sentimentos de entusiasmo e de receios particularmente diante da renovação nas atitudes e nas relações entre a fé e as práticas sociais. Ao mesmo tempo a conjuntura brasileira é de uma ditadura em fase de endurecimento repressivo. Pelo lado eclesial, as congregações religiosas buscavam um mútuo apoio para a formação acadêmica de seus estudantes nos moldes da renovação. Com o apoio da CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil, cerca de 20 congregações religiosas dois anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, se uniram em 1967 para fundar o IFT – Instituto de Filosofia e Teologia, com sede nos amplos espaços do convento dos Carmelitas em São Paulo¹. Acompanhando uma percepção eclesial mais ampla, que se explicitou em seguida na Conferência de Medellín (1968), este Instituto associou vários professores que se somavam em busca de uma maior coerência da teologia com as implicações sociais da fé.

As tensões desta renovação, previsíveis em toda mudança mais radical, estavam sendo em grande parte assimiladas pelo Instituto, mas dois fatores as fizeram mais agudas. Do lado eclesial, a interpretação da Encíclica *Humanae Vitae* (1968) sobre a ética no uso de anticoncepcionais, por parte de alguns professores, despertou suspeitas do cardeal D. Agnello Rossi, em São Paulo. Foram até certo ponto desfeitas, mas se somaram a outro fator do lado político, o endurecimento da repressão ditatorial a todo

¹ Agradecemos ao Pe. Edênio J. dos Reis Valle SVD, um dos fundadores do IFT, pelas informações que seguem.

pensamento e movimento em direção à equidade social. Diante de tais circunstâncias D. Agnello tirou seu apoio ao Instituto, e por concomitância, levou a cessar o subsídio econômico que o IFT recebia da ADVENIAT, do qual dependia a sustentação dos custos acadêmicos, e implicar no fechamento do IFT.

Dom Paulo Evaristo Arns, a partir de 1966 bispo auxiliar na arquidiocese de São Paulo, e encarregado do setor universitário cultivou o projeto de expandir a iniciativa em direção a uma “universidade eclesial”, que se destacasse pela excelência nos estudos teológicos. Sonhava em ter a colaboração nacional de um corpo docente forte, e apoio de grupos e congregações religiosas. Mas mesmo como arcebispo da arquidiocese a partir de 1970, não conseguiu aprovação ao projeto, entre outras razões, por restrições de alguns setores a teólogos como J. Comblin e H. Assman que integravam o corpo docente.

Com o fechamento do IFT, as Congregações Religiosas ficaram sem referência para oferecer estudos acadêmicos a seus formandos. Com participação na CRB e na área universitária, além de bem relacionado com Dom Paulo Evaristo, o Pe. João Edênio Valle (SVD) deu passos significativos para a articulação de um novo instituto. E assim se somaram os Redentoristas que tinham seu próprio Instituto de Estudos Superiores (Alfonsianum – IRES) em periferia de São Paulo; os Verbitas também com seu seminário e professores; e os Missionários de S. Carlos (Scalabrinianos), que além de tudo disponibilizavam o prédio de seu seminário em São Paulo, para ser espaço deste novo instituo. De modo ágil estas três Congregações selaram o acordo verbal que permitiu a abertura do ITESP – Instituto Teológico São Paulo a 1º de março de 1972, recebendo significativa carta de aprovação e apoio de Dom Paulo Evaristo Arns

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

(ARQUIVO ITESP, 1972). Confirmada a viabilidade da iniciativa pelo bom funcionamento do primeiro ano, foi oficializado por seus superiores provinciais aos 19 de março de 1973 o pacto entre as três congregações, pelo qual assumiam a manutenção financeira e as providências necessárias para a constituição de diretoria e corpo docente do Instituto.

O depoimento do Pe. Flávio Cavalca de Castro, redentorista, primeiro diretor, atuante nos primeiros passos de organização e funcionamento, faz memória das preocupações iniciais pelas quais se guiaram:

Vimos a necessidade de um Instituto de Teologia que fosse capaz de associar os dados teológicos com a realidade pastoral de nosso povo; precisávamos para isto de um currículo teológico com uma visão sistemática com boa articulação do conjunto da teologia; era necessário constituir um corpo docente consistente (conseguimos cerca de 20 professores bem qualificados), de modo, inclusive, a superar o sistema rotativo de disciplinas adotado por outras instituições. Além disso, como ponto de partida, era importante naturalmente harmonizar um pouco as várias tendências teológicas dos professores, e montar uma boa programação curricular para cada semestre. (CASTRO, 2022).

Este elenco de preocupações mostra pontos fundamentais escolhidos para dar linhas básicas para o Instituto ao longo do seu percurso nestas cinco décadas de existência.

2. Estrutura de Programa Curricular: Tendências e Desafios

A programação de um curso acadêmico de Teologia é um dos centros de convergência que mobiliza os sujeitos integrantes de um Instituto. De um lado o corpo discente, constituído por estudantes, em geral vinculados a grupos congregacionais ou diocesanos, tem seus interesses pessoais e institucionais no estudo teológico, quase todos visando a preparação prévia exigida para o serviço pastoral, segundo os carismas de

cada congregação. Em sua carta por ocasião da inauguração do primeiro ano escolar no ITESP Dom Paulo Evaristo Arns sintetizou este anseio dizendo que os estudantes ali formados “saberão representar a Igreja de Cristo pela vida e pela palavra”; e sugere que o “Instituto acolha em nossa cidade e em todo o Brasil, os anseios do povo e lhe prepare acesso e meio para cumprir os desígnios do Pai”. Além disso vários estudantes irão prosseguir em estudos acadêmicos e/ou serão coordenadores de comunidades. Estes diversificados detalhes de certo modo trazem demandas ao programa curricular que o corpo docente, por sua vez, é solicitado a corresponder com qualidade teórica e pedagógica. Estes desafios persistem ao longo da existência de todo instituto teológico, dentro das variáveis socioculturais e eclesiais que emergem.

A estrutura de um programa curricular compreende suas concepções de fundo que determinam as opções na elaboração de projeto curricular e pedagógico. Neste sentido, as conclusões do Concílio Vaticano II são determinantes para se construir no ITESP um programa de articulação cristológica, síntese do encontro de Deus com o Ser Humano, e para se conduzir o ensino-aprendizado de forma comunitária, interativa: “essencialmente num clima de integração e serviço: dos professores entre si, dos alunos entre si e dos professores e alunos”.

O primeiro programa curricular busca, desta forma, uma visão articulada da Teologia, construindo cada semestre com um foco que seja contribuição progressiva à visão de conjunto. Começa com um olhar sobre a busca humana por um sentido de vida, em uma espécie de “fenomenologia da existência” (ARQUIVOS ITESP, 1976, p.11, n. 3.1.2), para situar o fenômeno religioso e a área em que incidem os estudos teológicos e sua metodologia de estudo. Prossegue com as questões

relacionadas com Deus, enquanto se dá a conhecer na História humana (revelação) e ao mesmo tempo revela quem é o ser humano; que conseqüentemente se vê chamado a organizar sua vida guiado pela fé, impulsionado pela esperança, nas práticas da solidariedade (caridade); inserem-se nesse quadro questões específicas como unicidade de Deus e suas representações, e tensões ao longo da História. Cristo, Deus encarnado, é o lugar teológico conseqüente neste conjunto; Ele é a revelação de Deus e do ser humano. A vida humana vivida segundo o Espírito que se aprende de Jesus, em âmbitos individuais, sociais e eclesiais, completa o conjunto teológico visado.

Esses quatro passos, chamados inicialmente de “blocos” e posteriormente de “módulos” se subdividem em diferentes “unidades” caracterizando os semestres escolares. Desta forma, cada semestre supõe “no início uma introdução sintética dando as linhas gerais; e no fim, uma síntese, ambas realizadas em conjunto pelos professores e alunos”. (ITESP, 1976, p.12, n. 4.4). A redação de um trabalho de conclusão de curso, não usual em programas de graduação, começou a ser incentivada para formalizar a síntese teológica do estudante. Tornou-se obrigatória como monografia quando o curso passa a ter reconhecimento pontifício (1982), e reforçada mais tarde pelo reconhecimento civil (2008).

Embora com algumas variações de termos e ênfases, essa estrutura e esse espírito podem ser identificados nesses 50 anos de existência do ITESP. Merecem destaque o persistente caráter interdisciplinar da própria estrutura curricular; o espírito dialogante do corpo docente não só na busca de aprimoramento pedagógico, mas também teórico para se perceberem melhor as pontes entre as disciplinas curriculares; a interatividade discente incentivada por atividades em classe, e por seminários temáticos

extraclasse; o encontro docente-discente de cada classe ao menos uma vez por semestre em busca de síntese da unidade teológica estudada.

A interação entre os membros do corpo docente, fundamental nessa opção pedagógica, foi assumida com afinco desde o começo. Em especial na década 1979-1990, esse encontro se fazia nos primeiros anos em conjunto com a FTNSA, PIO XI e PUC-Campinas, quando se dava recesso letivo, para que professores pudessem participar integralmente. Cessada essa interação maior, o ITESP persistiu com muito proveito na iniciativa, inclusive ampliando o encontro para dois dias, em local de encontro com pernoite incluindo ao final uma confraternização. Exposições de professores do próprio grupo, seguidas de debates enriqueciam de modo visível a transdisciplinariedade; e o tempo maior da confraternização fortalecia os laços da solidariedade entre os docentes.

3. Mostrando o rosto: visibilidade e participação

A visibilidade de um instituto teológico é de grande importância, a começar pela transparência de suas opções curriculares e procedimentos educacionais. Ela significa também participação seja no oferecimento de serviços como na abertura a parcerias. Neste sentido, o ITESP tem uma experiência constante ao longo desses anos em encontros com os coordenadores de comunidades onde vivem os estudantes. Com respeito à comunidade socio-ecclesial mais ampla pensou-se, já nos primeiros anos, em se criar uma revista teológica própria. Mas surgiu uma parceria extraordinária pela oferta dos Paulinos a que o ITESP assumisse a editoria dos artigos e comentários bíblicos da revista *Vida Pastoral*, de difusão nacional e gratuita, voltada para a formação teológica e pastoral do clero e agentes em comunidades. Em regime de parceria, foi selado o contrato, e

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

em 1977 o ITESP começou a elaboração de números monográficos com enfoques das diferentes disciplinas.

A rápida e crescente aceitação dos textos foi um bom sinal de aprovação à qualidade teológica oferecida pelo ITESP. Internamente o esforço conjunto para o próprio corpo docente em discutir ementas e enfoques, e elaborar os textos repercutiu em interatividade do corpo docente. Poucos anos depois veio também um sinal de reconhecimento de qualidade, através de convite assinado por Hans Urs von Balthasar (ARQUIVOS ITESP, CARTA CONVITE, s.d.), teólogo suíço de renome internacional no século XX (BALTHASAR, 2022) e editor da revista *COMMUNIO* (2022) – Revista Internacional de Teologia, fundada em 1974 por Balthasar e Henri de Lubac. Discutindo o teor do convite, ponderou-se em equipe sobre o duplo risco de ser demasiado somar este compromisso com a bem sucedida redação de *Vida Pastoral*, e também com o risco de vincular nossa contribuição teológica a uma interferência externa, sendo que “a revista pretendia oferecer espaço editorial a teólogos que, à época, não compactuavam com a visão da revista *Concilium*” (COMMUNIO, 2022), sendo esta mais próxima de nossas necessidades pastorais, e já publicada no Brasil. Omitindo este segundo risco, recusamos delicadamente o convite, mas o fato ensinava a necessidade de consolidar a qualidade teológica pela responsabilidade diante da confiança crescente que o ITESP despertava por seus escritos.

A edição da revista esteve a cargo do ITESP até final de 1985 quando foi interrompido o contrato por pressões sobre a Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos). Entre os motivos latentes estaria, nessa década, o recrudescimento de controles oficiais sobre linhas teológicas, chamados por J.B.Libânio de *Volta à grande disciplina* (1979). Um artigo de J. Rezende

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

Costa (COSTA 1985, pp.2-8) que seria em duas partes sobre a questão mariológica provocou reações imediatas com a primeira parte por conter revisão de dogmas marianos, o que o impediu até de publicar a segunda parte. Talvez tenha sido a gota d'água para apressar o encerramento desta preciosa parceria na edição da revista. Permaneceu o saldo muito positivo para o ITESP e para a própria revista mantida até hoje em boa qualidade pela Pia Sociedade. Retomou-se então o desejo de um periódico científico do próprio ITESP. Isto se realizou em 1994 com a revista ESPAÇO, hoje bem qualificada na área teológica e disponível ao público em forma digital.

4. Trajetórias de Reconhecimento Eclesial e Civil

Os estudos de teologia no Brasil, até o final dos anos 70, em larga escala eram seminarísticos, com um reconhecimento interno dos grupos religiosos e diocesanos sem titulação acadêmica. As faculdades teológicas eram poucas, e poucos os grupos que procuravam algum tipo de convênio que pudesse garantir títulos acadêmicos, seminários e institutos. As possibilidades de título acadêmico eram pontifícias, e o reconhecimento civil para a Teologia se tornou possível apenas a partir de 1999 (BRASIL MEC/CES, 1999).

4.1. Reconhecimento Pontifício

O ITESP desde o início aspirou ter o reconhecimento pontifício, participando intensamente no pré-projeto de Dom Paulo Evaristo Arns de uma união maior dos institutos teológicos existentes na cidade de São Paulo. A proximidade geográfica com a FTNSA – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, que integrava a PUC-SP, com administração independente, facilitava as relações. Especialmente a partir de 1979 foram

tomadas várias iniciativas de diálogo entre os diretores em particular e de encontros temáticos em comum entre professores, iniciativa que teve continuidade até 1982 (ARQUIVOS ITESP, RESPOSTA CONVITE, 1981). A ideia era que áreas de concentração, como Bíblia, Teologia Sistemática, Teologia Moral, Liturgia, e outras, fossem conduzidas, ao menos inicialmente, sob responsabilidade de grupos que já reuniam professores competentes nesses campos. Houve inclusive intercâmbio de professores entre ITESP e FTNSA, e posteriormente também com o programa de Teologia da PUC-Campinas². Mas a ideia foi considerada viável pela Faculdade, apenas para o âmbito de pós-graduação mas não para a graduação que exigiria os alunos dentro de um programa único. De fato, mais tarde, de 1987-1994, através do Alfonsianum - Instituto de Teologia Moral, os Redentoristas mantiveram um convênio com a FTNSA para administrar com programa e recursos próprios, o *stricto sensu* de concentração em Teologia Moral pela Faculdade. Foi iniciativa bem sucedida, levando à conclusão 26 mestrados e 6 doutorados; mas descontinuada por dificuldades em sustentar a figura desse convênio por pressões institucionais.

Diante do impasse que se arrastava para a graduação, o ITESP começou a buscar reconhecimento pontifício por outras vias. Com o apoio dos mosteiros beneditinos de São Paulo e do Rio de Janeiro, se delineava uma grande possibilidade de *afiliação* (*Sapientia Christiana*, 1979) ao Anselmianum, de Roma. A esse tempo o ITESP ganhava projeção teológica pela qualidade dos textos de seus professores na revista *Vida*

² José Arnaldo Santos e Benedito Beni, da FTNSA, lecionaram no ITESP; Márcio Fabri dos Anjos e Antônio Aparecido da Silva, do ITESP, na FTNSA.

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

Pastoral, onde havia assumido a responsabilidade de programar e articular a edição dos artigos para a formação continuada do clero.

Antes do parecer final sobre a afiliação, o Anselmianum enviou de Roma Dom Pius Tragan como visitador dos espaços acadêmicos do ITESP. Coube a Márcio Fabri, diretor do ITESP nesse período (1980-1986) recebê-lo, inclusive como hóspede em sua comunidade. Além das estruturas acadêmicas formais, era preciso o visitador ter também uma ideia de lugares da atuação pastoral dos estudantes, dado o apelo pastoral à teologia no contexto brasileiro. Assim estivemos numa celebração na igreja matriz no centro de Mauá, mas em seguida me acompanhou também a uma capela iniciante em Vicenta Maria, um local no topo da então chamada “Favela do INPS”, hoje bairro Jardim Oratório. A capela era um barraco feito com restos de construção em chão batido, e reunia uma dezena de pessoas visivelmente pobres e sofridas. Meditamos a palavra de Deus e rezamos; convidei Dom Pius a dizer algo, mas ele parecia abalado e não aceitou. Voltou silencioso, e em casa confidenciou: “Márcio, allá me sentí como una hormiga...tengo dos doctorados, uno incluso en Biblia, y me veía incapaz de decir una palabra de Dios a los pobres...”. Recebido meses depois, de modo muito cordial por Dom Magnus Löhrer, reitor do Anselmianum, soube que o relatório do visitador havia sido altamente positivo em favor da afiliação. No acerto de detalhes a respeito de relações práticas da afiliação, esclarecemos com o Reitor sobre o peso histórico de nossas dependências colonialistas e não queríamos que isto se repetisse na afiliação, especialmente em dois pontos: que as notas avaliativas de nossos professores em grande parte titulados em Roma, fossem respeitadas, e quando necessária alguma mudança, que nos fossem indicadas razões e critérios; e que observações doutrinárias ou didáticas também fossem

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

devidamente justificadas e nunca anônimas. Com fineza e bom humor, o reitor respondeu: “Fiquem tranquilos; o bom Deus nos deu dois olhos e dois ouvidos para vermos e ouvirmos dos vários lados”, e que ele próprio valorizava muito isto.

Ao final de 1981 chegou a notícia oficiosa de que a filiação estava aprovada, esperando apenas o *nihil obstat* de praxe do bispo ordinário do lugar, Dom Paulo Evaristo Arns. Como tardasse sua assinatura fomos até ele para entender o que se passava. Dom Paulo me recebeu de modo cordial, mas como sempre, de modo direto disse não dar a aprovação, pois era preciso investir ainda no processo de união do ITESP com a FTNSA. Explicamos que havíamos esgotado as tratativas a respeito dos cursos de graduação; e que a única alternativa que nos propunham era de o corpo docente constar como assistente da Faculdade, junto com todo o registro de notas e avaliações; o que nos parecia como dependência inaceitável. Mas Dom Paulo insistiu que continuássemos nas tratativas; e acompanhando o espírito de sua admirável franqueza lhe fiz ver que íamos continuar tentando, mas a persistirem as mencionadas condições, íamos preferir “ser pobres, mas livres”.

De fato, prosseguimos nos encontros entre os institutos, mas o bom pré-projeto de Dom Paulo não se realizou. E o desfecho da afiliação foi desagradável, pois a aprovação de Roma foi concedida à revelia do Ordinário do lugar. Só mais tarde ficamos sabendo que havia sido por interferência de interesses curiais em oposição a Dom Paulo. Fui de novo a Dom Paulo penalizado, mas em sua grandeza de espírito, ele próprio nos tranquilizou dizendo que tinha certeza de ter em nós colaboradores. E não se esquivou em estar no ITESP em outras ocasiões.

4.2 Reconhecimento civil

No Brasil o reconhecimento civil da Teologia se tornou possível apenas a partir de 1999. Pode parecer incrível, mas o ITESP teve ao menos uma participação indireta nesse passo da sociedade brasileira. Um ano antes participei em evento familiar com a profa. Carmen Cinira de Macedo, socióloga da PUC-SP que dava aulas no ITESP sobre concepções sociológicas de Deus. Lá estava Eunice Durham, socioantropóloga que se admirou por minha menção a seu recente artigo sobre a questão indígena. E em seguida, se mostrou surpresa por um teólogo poder chamar sua atenção para o inevitável dinamismo intercultural no encontro de culturas indígenas com sociedades tecnocientíficas. Aproveitei para explicar sobre o caráter interdisciplinar da Teologia e ousei lhe indicar recente obra *Teologia, Profissão* (ANJOS, 1996) em que defendo o tríplice espaço das teologias: o intracomunitário, o da cidadania pelo impacto societário das crenças plurais, e o da linguagem em que as teologias possam participar do diálogo público argumentando sobre as razões de suas crenças. Agradecida, ela disse que iria ler o texto, pois estava encarregada da relatoria do parecer ao Ministério da Educação, sobre o reconhecimento civil da Teologia. Soubemos depois, que o texto contribuiu para o parecer favorável ao reconhecimento.

Desde a oficialização desta possibilidade, os institutos e faculdades teológicas começaram a se movimentar, seja pela necessidade de se inserir na sociedade civil, seja também pela iniciante demanda dos próprios estudantes em vista de possível espaço empregatício no futuro. Mas também se percebeu a necessária atenção às exigências e consequências desse passo. Ajustes curriculares e pedagógicos, procedimentos institucionais, formalidades burocráticas e conseqüentemente os custos

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

financeiros eram pontos, entre outros, a serem equacionados. Mas entendeu-se que era um passo necessário. Criou-se a ASPES - Associação São Paulo de Estudos Superiores, em vista de um cadastro de entidade educacional; que mantém o ISPES – Instituto São Paulo de Estudos Superiores, que pôde ser credenciado e finalmente autorizado aos 23/12/2008, a conferir o bacharelado em Teologia (BRASIL, 2008).

O relatório final dos primeiros visitantes do MEC foi alentador, ao conferir nota 5 à qualidade do programa, endossando desta forma o bom nível interdisciplinar e pedagógico para o credenciamento, restando naturalmente ajustes formais por se fazerem. Os bons resultados obtidos pelos ex-alunos do ITESP em ENADES - Exames nacionais de desempenho de estudantes, colocam o instituto entre os melhores na área. Esta inserção no sistema nacional de educação trouxe, entre outros, o benefício inicial de corrigir excessos de informalidade que podem gerar prejuízo à disciplina do empenho e desempenho acadêmico de alunos e professores; e gradativamente impulsionou atualizações no projeto pedagógico e grade curricular. Os índices atuais de aprovação oficial à graduação em Teologia estão entre os melhores no Brasil.

5. Alunos e interações construtivas

Um instituto teológico é naturalmente constituído por pessoas cujas interações lhe conferem perfil e vitalidade. De certo modo, o chamado corpo discente é a outra face do corpo docente. Se um quantitativo é necessário para sua viabilidade, a variedade das condições culturais dos estudantes é um fator interativo de maior importância. Como observado acima, eles carregam valores e objetivos das comunidades a que pertencem, além de suas origens culturais e familiares. Embora, no caso do ITESP, a

referência educacional seja guiada por três congregações religiosas, que pensam o instituto para a formação de seus membros, logo passaram a acolher outros grupos, ampliando a diversidade do imaginário do corpo discente. As congregações em sua maioria trazem também alunos de diferentes regiões do Brasil e de outros países. Segundo Estatística disponíveis em seus arquivos, em 2012, por exemplo, os estudantes brasileiros eram procedentes de 14 diferentes estados; e 17 estudantes provenientes de outros países latino-americanos, africanos, Índia e Itália, enriquecendo a variedade étnica e cultural do Instituto. Sem dizer que, em certo momento, o ITESP foi consultado sobre receber cerca de 50 alunos de uma diocese da Índia, interessada em uma formação teológica mais voltada para contextos de terceiro mundo, hipótese considerada inviável principalmente pela responsabilidade do corpo docente em maior aproximação cultural com um grupo étnico tão grande. Mesmo assim, alguns dados quantitativos a respeito das procedências dos alunos permitem notar uma diversidade cultural significativa, persistente no Instituto.

Em total de alunos, o início das atividades escolares no ITESP contava basicamente com alunos provenientes das mantenedoras, que tinham de fato um número expressivo de membros em formação. Mas na década de 1980 houve um aumento significativo do número de alunos, passando de cerca de 90 para até 220 estudantes. Vários fatores terão colaborado para isso, entre os quais a vitrine do ITESP pelas publicações na revista *Vida Pastoral*; por investimento em eventos como jornada bem concorrida no auditório do Mosteiro de S. Bento (1980), no centro de São Paulo com participação de professores da PUC e USP; no auditório da Biblioteca dos Redentoristas se organizaram semanas teológicas, cujas vagas se esgotavam.

Entre 1989-1992, em um total de 194 alunos, 63.3% já eram provenientes de 26 diferentes congregações, 26,8% das três congregações mantenedoras 4% de 8 dioceses e 4, 2% religiosas, 1,7% leigos. Embora com algumas variações e diminuição no número dos alunos, essas proporções se mantiveram. Na atualidade, em um total de 113 alunos, as mantenedoras mantêm a percentagem de sua participação, enquanto 14 outras congregações e 5 leigos completam o quadro. As dioceses foram de certa forma convocadas a centrar seus estudantes na faculdade da Arquidiocese de São Paulo. Com a consolidação da era digital nos meios de comunicação de massa, a gama de interações se ampliou e tomou outros rumos, com a promoção de cursos e eventos de participações virtuais, que o ITESP tem adotado com sucesso.

6. Interrogações maiêuticas emergentes das trajetórias

Ao final destas abreviadas anotações, vale reconhecer o caráter seletivo aplicado nos relatos, pelo fato de não se ter em mente um relato histórico, mas uma leitura de alguns de seus aspectos. Por isso, alguns pontos vitais como as atualizações do programa curricular foram deixados como pressupostos na dinâmica do Instituto. A opção feita está em ver como trajetórias históricas ensinam a compreender de onde para onde e como nos movemos. Com elas se pode aprender a responder com fidelidade e competência aos desafios presentes, reconhecendo forças e limitações ensinadas pelo passado. À guisa de conclusão escolhemos aqui quatro tópicos que nos parecem adequados para apontar algumas questões persistentes nas graduações em Teologia em nossos contextos atuais.

6.1 A Teologia e seus interlocutores

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

Um ponto de partida para o bom serviço da graduação em Teologia é superar uma visão restritiva ao interno de sua organização. Além dos indispensáveis e importantes indivíduos humanos que a compõem, existem sujeitos coletivos organizacionais e sociais com os quais o serviço de graduação em Teologia contribui e deles recebe. Vale lembrar a Igreja, suas dioceses, os grupos ou congregações religiosas, e as comunidades nas interações pastorais. Mas é também indispensável considerar o serviço da graduação em Teologia inserido no macro contexto sociocultural e nas convivências sociais laicas, interreligiosas e interconfessionais. De fato, um programa de graduação em Teologia nem é para si, nem se sustenta por si mesmo, seja pela necessidade de bases econômicas, emocionais, mentais, valorativas, provocativas que recebe e oferece nas interações com outros sujeitos. Embora seja respeitável o privilegiamento de sujeitos focais na interação pedagógica, será inevitável reconhecer que esses próprios sujeitos focais vivem de múltiplas interações além do si mesmo. Desta forma a vitalidade e qualidade de um serviço de graduação tem um indicador de qualidade segundo o grau de consideração que o curso tenha aos diferentes sujeitos com os quais direta ou indiretamente interage. Vale ressaltar o quanto as religiões, com suas teologias, têm sido, através da história, responsáveis pela paz mundial; e nos contextos nacionais como o brasileiro, o quanto nossas teologias estão implicadas no jogo de interesses políticos.

6.2 Sobre a linguagem comunicativa

A linguagem comunicativa é aqui entendida como os diferentes modos pelos quais, superando o simples informar, intercambiamos o ser que somos. Neste sentido ela é fundamental nas relações pedagógicas. As

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

críticas de Paulo Freire a sistemas de educação bancária, desenhadas já nos anos 70 e sintetizadas em expressões posteriores como “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p.47; 2009), são alertas contundentes para a importância da linguagem na educação teológica. Em termos de teologia cristã o apelo à fidelidade evangélica gera o compromisso de aprender e levar o fermento de constante renovação em favor de comunicações de vida.

Estes desafios aparecem nas trajetórias relatadas pela variedade dos sujeitos, a partir dos membros do corpo docente e com maior abrangência nos estudantes. Isto representa, por um lado, as vantagens de uma biodiversidade cultural, mas por outro o grande desafio à linguagem teológica no ensino. Entre outras, os conceitos sedimentados em experiências de vida, particularmente emocionais, dificilmente serão tocados apenas por ensinamentos cognitivos. Os estudantes em graduações de Teologia de modo geral trazem no tecido de suas subjetividades as heranças emocionais de experiências familiares culturais, acrescidas e elaboradas em interações subsequentes, entre as quais, com as Igrejas a que pertencem, e grupos comunitários a que se associam. Mas o peso das transformações socioculturais mencionadas na introdução incide sobre as subjetividades de todos os sujeitos individuais e coletivos, um fator com o qual lidamos a cada dia. Não é novidade dizer que entre ex-alunos há quem mostre o proveito que tirou de seus estudos; outros que até complementam com sua herança anterior o que lhes faltou nos cursos; outros, porém, até talvez se mostrem em posicionamentos avançados como estudantes, mas ao desempenhar seus serviços, voltam a viver das antigas heranças, como se a graduação tivesse sido um hiato, ou expostos a adotar de modo acrítico

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

lógicas neoliberais no uso pastoral da teologia. Isto é grande parte inevitável porque a educação não resulta de imposições.

6.3 Sobre as finalidades da graduação em Teologia

As finalidades da graduação em Teologia contêm delicadas questões que merecem ser vistas com tranquilidade emocional e ativa paciência histórica. As atribuições do serviço cognitivo teológico vieram se sedimentando por longo tempo na figura do presbítero, somando-se a outras atribuições particularmente a de animar espiritualmente os fieis (*santificar*) e coordenar/administrar comunidades (*governar*). Nesse processo, o estudo teológico voltado para *ensinar*, durante muito tempo vem escrito em Latim, sendo direcionado ao clero e quase inevitavelmente abrindo espaço para a internalização de um sentimento de superioridade frente ao laicato. O grande esforço, intensificado no final do século 19, para reverter esse quadro persiste hoje com ampla bibliografia e apoio do Magistério do Papa Francisco.

Mantendo o foco sobre a questão das finalidades de uma graduação em Teologia, a sedimentação eclesiológica de atribuições contida nesse processo, somada à referida internalização emocional do estudante, se tornam fatores interferentes nas graduações em Teologia. Por um lado, a necessidade de educar para a boa qualidade no desempenho ministerial leva a reservar todo um programa de curso para formação presbiteral. Por outro lado, esta polarização talvez esteja também levando a ofuscar o contexto maior e prioritário da vocação cristã, celebrada pelo Batismo, razão fundante de todos os ministérios eclesiais. E pelo viés sociocultural, as tendências da modernidade em valorizar mais a operacionalidade prática do que as fundamentações parecem também reforçar a ideia de uma graduação

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

teológica dominada pelo interesse funcional. E o próprio esforço em cultivar a espiritualidade clerical pode estar associado a ideia de certa supremacia ministerial.

Entre as finalidades das graduações, não se pode esquecer, além de tudo isso, seu caráter de primeiro grau acadêmico que deva servir de base para estudos posteriores aprofundados. O fato de a maioria dos estudantes, como ocorre nas graduações em geral, não se colocarem tal aspiração, traz um desafio educacional específico sobre como dosar as exigências do estudo e adequar recursos pedagógicos estimulantes para quem mostre aptidões ao prosseguimento nos estudos acadêmicos; e, ao mesmo tempo, sem que a adequação a quem se propõe se ater a serviços pastorais leve a esquecer a necessidade de conhecimentos teóricos bem fundados que ajudem a compreender os sujeitos concretos, em suas classes sociais e diferenças culturais, aos quais se pretende servir.

6.4 Sobre a sustentação de graduações em Teologia

As graduações em Teologia, como toda organização educacional, supõem uma base de sustentação com vários componentes entre os quais o corpo organizacional e mantenedor, estudantes que se interessem, corpo docente, infraestruturas operacionais, e inevitavelmente fontes econômicas. A trajetória do ITESP é uma boa amostra de como isto se dá, dentro de variáveis que mudam. Na experiência antecedente, grande parte dos grupos religiosos tinham suas organizações próprias para a educação teológica dos seus membros. O Concílio Vaticano II mostrou a necessidade de maior diálogo guiado por um espírito de comunidade, que implicava em abertura participativa a parcerias. Os benefícios desta abertura ajudaram muito na constituição do corpo docente e discente, e trouxe as vantagens da

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

biodiversidade religiosa provocando o diálogo entre os diferentes. O lado operacional e econômico continua, entretanto, sendo carregado em grande parte pelas congregações mantenedoras, uma vez que os custos seriam dificilmente cobertos pelas mensalidades dos estudantes.

Esta é uma questão antiga na experiência eclesial brasileira, desde os antigos sistemas de seminários que buscavam em benfeitores o apoio para a educação de seus membros. A colaboração eclesial de outros países era também substancial, especialmente para estudos acadêmicos. Mas estas fontes de ajuda têm passado por muitas mudanças e quase que cessado. Os tempos de pandemia mostraram a fragilidade desse sistema, ao afetarem várias fontes de recursos das congregações. Veem ao mesmo tempo diminuir a demanda vocacional, que incide diretamente sobre a constituição de corpo discente necessário para a vitalidade de um instituto.

Em poucas palavras, estas questões de manutenção de uma graduação em Teologia sugerem uma boa prospecção sobre o futuro próximo em busca de um ambiente mais sustentável que o atual. As parcerias congregacionais e diocesanas parecem ser um ganho e necessidade mais permanente. Também seria desejável e mesmo necessária uma maior aproximação inclusiva ao laicato, que o por si não impediria enfoques educacionais específicos para a formação de presbíteros e de outros serviços de Teologia. Uma inserção da Teologia em um centro universitário maior poderá ser nesse caso uma expressão mais clara do compromisso do saber teológico de âmbito confessional para com a sociedade laica, “para a vida do mundo”, como diz o Concílio II no decreto sobre a formação sacerdotal (*Optatum Totius*, n.16). A era digital abre também a possibilidade de cursos de excelência com menor demanda de alunos, mas mantidos por intercâmbio de aulas virtuais com outros

institutos. O futuro próximo desenha assim novas etapas que o pensamento criativo saberá enfrentar.

Como se vê, são desafios e questões, muitas delas incômodas, para as quais não estamos discutindo soluções. São questões que resultam naturalmente de uma percepção consciente de não ser nem única, nem apodítica, mas expressas como estímulo a pensar o instituto teológico como a organização viva que a constituímos, nos contextos em estamos. Há que se reconhecer que a trajetória do ITESP tem mostrado criatividade e consistência em suas opções pedagógicas, com admirável abertura para renovações e melhorias possíveis. Assim também se desenham as trajetórias de outros institutos e faculdades teológicas. Assim vamos construindo a história da educação em Teologia. As memórias prospectivas, das quais buscamos tirar lições, nos colocam na modéstia agradecida para com as pessoas que trouxeram de modo criativo as bases organizacionais que temos. Parece bem verdade a afirmação atribuída a Isaac Newton (1643-1727), que se conseguimos ver um pouco mais longe é por estamos em ombros de gigantes.

Referências bibliográficas

- ANJOS, M.F. (coord.) *Teologia, Profissão*. São Paulo: Loyola, 1996.
- ANJOS, M.F. Interesses Religiosos da Política e Interesses Políticos da Religião (cap.6) p. 157-185, *In: ANJOS, M.F.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). Ética entre Poder e Autoridade*. Perspectivas de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019.
- ANJOS, M.F. Teologia Moral. *In: PASSOS, João Décio - SANCHEZ, Wagner Lopes. Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015 p. 940-947.
- ANJOS, M. F. Bioética global e responsabilidade global: a contribuição de Hans Küng. *Revista Perspectiva Teológica* vol. 42, ano 2010 p. 105-118.
- BALTHASAR, H. U. *In: WIKIPÉDIA: a Enciclopédia Livre*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Urs_von_Balthasar > Acesso em: 26 jul. 2022.

ANO 30, Nº 1 (JAN-JUN), 2022, P.6-32.

- BATAILLE, G. *Teoria da Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 (original: *Une Théorie de la Religion*. Paris: Gallimard, 1974).
- BRASIL Ministério da Educação. CES 241/99, aprovado 15/05/1999; PROCESSO Nº: 23001.000081/99-00. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces241_99.pdf > Acesso em 24 jul. 2022.
- BRASIL. SESU/MEC, Portaria n. 1157/2008.
- CAMPOS, F. V. Dossiê: Conferência de Medellín: 50 Anos. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC-Minas*, vol. 16, n.50, maio/ago. 2018.
- CASTRO, F.C. Entrevista concedida à TV Aparecida. São Paulo, 05 maio 2022.
- COMMUNIO. In: WIKIPÉDIA: A Enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Communio> > Acesso em: 24 jul. 2022)
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Apostólica Gaudium et Spes*. Vaticano: Libreria Vaticana, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html > Acesso em: 24 jul. 2022.
- CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatam Totius*, n.16. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html > Acesso em: 24 jul. 2022.
- COSTA, J.R. A questão mariológica – I. *Vida Pastoral* a. 21 n.94, p. 24-29.
- FAGGIOLI, M. Papa Francisco, Vaticano II e o caminho pela frente. Conferência em Congresso de Bispos, Chicago 25-26/08/2022. *National Catholic Reporter*. 04 abr. 2022.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HOTTOIS, G. *Do renascimento à pós-modernidade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.
- ITESP. Programa dos cursos para 1976. *O espírito dos estudos no ITESP*, p. 10-19.
- KÜNG, H. *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992.
- LIBANIO, J.B. *Volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1979.
- PAULO VI. *Encíclica Humanae Vitae* (1968). Disponível em <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html > Acesso em 24 jul.2022.

POLANYI, K. *A grande transformação*. As origens da nossa época. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000 [original 1941].

SÃO PAULO. ARQUIVOS ITESP. *Carta Convite de H. U. Balthasar ao ITESP* [s.d].

SÃO PAULO. ARQUIVOS ITESP. *Carta de Dom Paulo Evaristo Arns*, 1972.

SÃO PAULO. ARQUIVOS ITESP. *Relatos complementares*. ANJOS, M.F. [s.d].

SÃO PAULO. ARQUIVOS ITESP. *Resposta Convite Communio*. ANJOS, M.F. 1981.

VATICANO. Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* .1979. Disponível em <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15041979_sapientia-christiana.html > Acesso em 24 jul. 2022.